



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6601 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

O OLHAR DE ESTUDANTES DE LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA SOBRE ENSINO A DISTÂNCIA E ENSINO DE DIDÁTICA NO CONTEXTO DA PANDEMIA PELA COVID – 19

Daniela Chaves Radel Bittencourt - PREFEITURA MUNICIPAL

Cristina Maria Dávila Teixeira - UFBA - Universidade Federal da Bahia

O OLHAR DE ESTUDANTES DE LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA SOBRE ENSINO A DISTÂNCIA E ENSINO DE DIDÁTICA NO CONTEXTO DA PANDEMIA PELA COVID – 19

Palavras-chave: didática; educação a distância; ensino remoto; educação online.

INTRODUÇÃO

A pandemia pelo vírus Covid-19 atingiu a população em escala mundial. O Brasil não passou incólume. Com mais de 400.000 casos e quase 30.000 óbitos, no mês de maio de 2020, vive-se um cenário alarmante. A tragédia atinge a todos, mas é vivenciada pela maioria da população pobre de maneira muito mais trágica, a julgar pelo número de óbitos e índice crescente de contágio publicados nos principais veículos de comunicação.

Na educação, dados da Organização das Nações Unidas apontam que 9 em cada 10 estudantes estão fora da escola. No Brasil, reproduz-se o mesmo cenário – quase 100% da população estudantil está sem aulas presenciais, já que o contato físico passou a ser um meio de contágio da doença e ameaça letal.

As redes de ensino se organizam para responder aos novos desafios e a educação a distância (EaD) passa a ser uma possível saída. Especialistas discutem sobre as melhores soluções para utilização dos recursos digitais a fim de viabilizar estratégias de ensino remotas, mas há limitações que precisam também ser vencidas: como fica a integração e a socialização das crianças? As aprendizagens se processam da mesma maneira? O ensino com mediação remota é eficaz? Como regular a questão do tempo pedagógico para os estudos? E as condições materiais

para acessibilidade às tecnologias digitais? O não acesso à internet por parte da comunidade discente endossa a desigualdade social tão presente na sociedade brasileira? De que forma viabilizar a educação *online* sem excluir os estudantes que não têm acesso aos meios digitais nessa situação de distanciamento social?

A questão das condições materiais dos alunos reflete a abissal desigualdade social no Brasil. Um país com classes sociais tão distantes em que menos de 10% acumula praticamente 70% do PIB (Produto Interno Bruto) nacional, deixa à margem a maioria da população.

A desigualdade social impacta diretamente a questão do acesso à educação de qualidade e, também, o acesso às tecnologias digitais. Assim, enquanto o governo brasileiro praticamente obriga as escolas à adesão ao ensino remoto, não se lhes oferece as condições necessárias, nem de formação pedagógica para professores quanto ao uso das interfaces digitais, nem quanto ao acesso às tecnologias dos estudantes de famílias de baixa renda.

A população universitária da rede pública federal apresenta uma realidade um pouco mais amena. Mas, mesmo assim, alarmante. A grande maioria provém de famílias que recebem de 1,5 a 3 salários mínimos. O artefato tecnológico a que tem acesso são os *smartphones* e a internet é do tipo *Wifi* compartilhado, cuja qualidade é insuficiente. Como, diante do quadro apresentado, pensar estratégias de ensino *online* que mitiguem o vácuo que se formou no período pandêmico?

É necessário planejamento e estruturação dos processos educacional e pedagógico para que as atividades remotas possam cumprir seu papel e potencializar aprendizagens significativas. Para além da interação, a interatividade se faz fundamental, assim como a mediação do(a) professor(a).

A pesquisa traz como objetivos: refletir analiticamente sobre o perfil dos alunos de licenciatura, dentro do componente de didática, em termos do acesso às tecnologias digitais e condições materiais para atuação em atividades de ensino na modalidade remota; identificar suas principais dificuldades e potencialidades quanto ao uso das tecnologias digitais, nesta modalidade de ensino; inventariar suas principais críticas e sugestões do ponto de vista metodológico na atuação do ensino a distância.

Esta pesquisa exploratória foi realizada com 257 estudantes. Neste artigo, trabalharemos com a amostra de 120 estudantes de licenciatura, cursando a disciplina Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Está alicerçada em paradigma interpretativista e se operacionaliza mediante metodologia mista, combinando dados quantitativos e qualitativos de pesquisa. Os dados foram produzidos através da aplicação de questionário *online*, mesclando-se perguntas fechadas e abertas, interpretados através da técnica de análise temática com categorias elencadas a priori. Utilizou-se como veículo de comunicação com os alunos e recebimento dos questionários, o *e-mail*, *whatsapp* e plataforma *Moodle*.

No desenvolvimento do artigo, faremos uma breve reflexão teórica sobre os conceitos de educação a distância, ensino remoto, educação on-line e mediação didática. Abordaremos a questão metodológica, em seguida, a análise dos dados e discussão dos resultados da pesquisa.

DIDÁTICA, EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA E O ENSINO REMOTO DIANTE DE UM CENÁRIO PANDÊMICO

A estreita relação entre educação e sociedade vem mostrando que fatos sociais, políticos e econômicos impactam de forma significativa nas tendências pedagógicas, evidenciando que a prática pedagógica ora prioriza a figura do professor, ora a do aluno, ou ainda os aspectos metodológicos nesse processo. Com a revolução tecnológica do final do século XX, tem se manifestado, nas práticas pedagógicas, uma maior preocupação com a formação de um sujeito proativo e consciente de sua condição humana face às necessidades emergentes no contexto globalizado.

No entanto, Charlot (2018) apontou que, apesar das mudanças nas perspectivas científica e tecnológica, o ato de ensinar se apresenta ainda muito alicerçado por pedagogias tradicionais, principalmente referente ao uso do tempo e do espaço, bem como no tocante aos processos avaliativos.

Atualmente, estamos vivendo um fato bastante significativo na área sanitária - a pandemia do Covid19 – obrigando a nos isolarmos socialmente. Essa situação vem impondo às mais diferentes instâncias a busca por ações apropriadas para agir nessa situação.

O Ensino a Distância (EaD) é uma modalidade de ensino antiga. As diferentes tecnologias utilizadas para a viabilização da EaD (material impresso, rádio e televisão), nos anos 1980/1990, foram revolucionadas pelo surgimento da internet e das Tecnologias Digitais, que ampliaram a oferta dessa modalidade de ensino, através de plataformas criadas com este fim específico. Surge, então, a educação *online* que, segundo Santos (2009), “é o conjunto de ações de ensino-aprendizagem ou atos de currículo mediado por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas e hipertextuais”.

Ainda de acordo com Santos (2009), as tecnologias digitais mais utilizadas nas atuais práticas de educação *online* são os ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), as tele e as videoconferências. Os ambientes virtuais de aprendizagem envolvem não só um conjunto de interfaces para socialização de informação, de conteúdos de ensino e aprendizagem, mas também, e, sobretudo, as interfaces de comunicação assíncronas e síncronas.

Nas interfaces síncronas e assíncronas conteúdo e comunicação são elementos imbricados. Não podemos conceber os conteúdos apenas como informações para estudo ou material didático construído previamente ou ao longo do processo de ensino-aprendizagem. Ademais, não podemos negar que conteúdos são gerados a partir do momento que os interlocutores produzem sentidos e significados via interfaces síncronas e assíncronas. (SANTOS, 2009, p. 5664).

A interatividade adquire um status ímpar, posto que esses ambientes virtuais de aprendizagem podem ser produzidos em coautoria, entre professor(a) e estudantes e entre estes, para além das convencionais relações espaço-temporais do ensino presencial. Contudo, segundo Silva (2012), não obstante a resistência a essa modalidade de ensino, é fato que as abordagens de ensino presenciais, muitas vezes, não se descolam de um formato transmissivo, em que o(a) professor(a) assume posição ativa e o estudante, passiva. Portanto, seja o ensino presencial, seja o ensino a distância muito se assemelham quando a interatividade é excluída dos processos.

O uso de estratégias didáticas problematizadoras coloca o(a) aluno(a) numa posição de partícipe ativo do seu processo de aprendizagem, tanto no ensino presencial, como no ensino a distância. O ensino presencial não é garantia de maior interatividade entre seus

participantes, assim como não garante o diálogo, da mesma forma que a EaD. O que garante a ruptura deste modelo transmissivo é a concepção didático-pedagógica que norteia a prática do professor.

O ensino à distância, sobretudo, em meio à pandemia, têm desafiado os docentes e os estudantes adultos a reinventarem o ensino e a si mesmos. A mediação didática precisa ser pensada de forma a instaurar um diálogo entre os estudantes e o conhecimento, através do uso das tecnologias digitais, utilizadas a favor da aprendizagem.

METODOLOGIA

A pesquisa ancora-se na abordagem qualitativa e no paradigma interpretativista a fim de se compreender das informações de natureza intersubjetiva produzidas pelos partícipes. A pesquisa do tipo exploratória partiu de um levantamento de opinião junto a 120 alunos do componente Didática, oriundos de diferentes cursos de licenciatura, que responderam ao questionário *online*, com 17 questões fechadas e duas abertas. O envio para os respondentes se deu por via *e-mail* com *hiperlink* para o formulário disponível na plataforma *Google Forms*.

Os dados produzidos foram tabulados mediante planilha eletrônica do programa *Excel Windows*. Utilizou-se a técnica de análise temática com categorias elaboradas *a priori*.

RESULTADOS

Condições materiais de acesso às tecnologias digitais, uso dos equipamentos tecnológicos e atividades *online*.

Quanto ao perfil socioeconômico dos estudantes, 56,8% não trabalham, contra 22,7% que trabalham de 1 a 4 horas por dia. Os demais, de 6 a 8 horas por dia (um pouco mais de 20%). A renda familiar nos chamou muito a atenção: 45,5% percebem até 1,5 salário mínimo e 34,1% de 1,5 a 3 salários mínimos - quase 80%! O que significa dizer que nossos alunos de licenciatura provêm das camadas desfavorecidas da população.

Essa questão nos fornece uma ideia das dificuldades dos alunos, sobretudo, quanto ao acesso a equipamentos tecnológicos e condições materiais mínimas para seu desenvolvimento nos cursos de graduação, principalmente, neste contexto histórico, em que as exigências pela EaD *online* se fazem sentir com veemência. Cabe o questionamento sobre a eficácia do ensino remoto com um público com este grau de dificuldades e condições materiais inadequadas de acesso às tecnologias digitais.

64% deles afirmam ter um ambiente que reúne as condições necessárias para se concentrar ao participar de aulas *online*, contra 36% que afirmam não ter um ambiente adequado, o que se revela uma quantidade menor comparativamente, entretanto, significativa de estudantes.

A maioria (72%) posiciona-se a favor ao ensino a distância caso todos os alunos possam ser incluídos nesta modalidade de ensino, ou seja, mostram-se solidários com os colegas excluídos digitais e demonstram seu posicionamento político.

63,6% dos estudantes reforçam a ideia de serem favoráveis à utilização da educação *online*, enquanto que 36% alegam dificuldades em realizar atividades a distância e cumprir prazos. Das principais dificuldades alegadas pelos estudantes em participar de atividades de ensino a distância, 63,6% declararam a necessidade de apoio interativo dos docentes. Ou seja, são contrários às aulas na perspectiva transmissional.

Opinião dos estudantes sobre EAD no período da pandemia e sugestões didático-pedagógicas

Dos 120 sujeitos, 62 declararam ser importante ou necessária a EaD neste período, contra 58 que se declararam desfavoráveis.

Quanto às sugestões de metodologias didático-pedagógicas a serem praticadas na Educação *online*, pronunciaram-se sobre a importância de aulas interativas e lúdicas.

Do ponto de vista organizacional, apontam para a utilização de plataformas digitais "com estrutura flexível" e um processo de ensino e de aprendizagem "não separado das realizações sociais", levando em conta "a mescla entre o presencial, o equidistante e o remoto". Apontam a necessidade do ensino remoto adquirir uma formatação híbrida, mesclando atividades síncronas com assíncronas.

Conflitos subjacentes à EaD durante a pandemia

Ainda que tenham se declarado favoráveis à educação *online*, salientaram algumas dificuldades: "tem que ser entre todas as disciplinas"; "importante mas não pode ser improvisada". Isso nos remete ao problema do planejamento de ensino. Do ponto de vista da educação *online*, a inexistência de um planejamento prévio criterioso complica mais.

Os dados revelaram algumas posições dos(as) alunos(as) face ao emprego dessa modalidade de ensino, tais como: *mudança de padrão de aula, falta de hábito, o não gostar de aula robotizada*.

A partir dos dados analisados, observamos o surgimento de um campo discursivo, entendendo como tal as relações de poder, de resistência, de identificação, de subjetivação e de produção de ideologias nele inseridos. Tais discursos apontam para as dificuldades de implementação da EaD tendo como parâmetro a representação que se tem do que seja aula – a aula presencial.

Jodelet (1997), quando trata da representação, aponta como sendo uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, tendo um objetivo prático, e concorre na construção de uma realidade comum a um conjunto social.

Na perspectiva da representação social, faz sentido notar que os discursos oscilam dentro do binômio preservação/mudança. O primeiro, mais forte e mais cristalizado, vincula-se a uma consciência de homem e de mundo ainda muito amalgamado por um conjunto de significados e de práticas oriundos dos paradigmas conservadores de educação, demonstrando valores e percepções que foram se consolidando na prática pedagógica.

Tal configuração se reproduz no ensino presencial e os estudantes estão atentos quando se reportam ao despreparo tecnológico e metodológico de muitos

professores. A mudança age como uma disfunção do consenso harmonioso, gerando, dessa forma, uma situação de negação, ancorando as justificativas, em alguns momentos, nos problemas causados pela situação de isolamento motivado pela pandemia do COVID-19.

O resultado da combinação entre preservação e mudança gera o campo conflitivo. O conflito, em primeira instância, sempre é considerado como elemento de não cooperação ao invés de ser uma referência construtiva na realização de mudanças.

Tomar a categoria conflito no processo de análise é considerar a complexidade do contexto cultural contemporâneo no qual percebemos o surgimento de novas práticas e formas de agir na profissão. E os alunos evidenciam *conflitos*: **estruturais** - conflitos entre a sociedade contemporânea e a ação universitária, o descompasso entre a realidade de formação universitária e o contexto de ação dos indivíduos na sociedade; **conjunturais** - compartimentalização e complexidade do conhecimento; processo de transformação de aula presencial em aulas remotas; **pedagógico-didáticos**: trabalho intelectual depositado tão somente no professor; metodologias centradas no professor; modelo conteudista transmissional; **emocionais e psíquicos**: sentimentos perturbadores que atravessam as discussões, a incerteza, perda do papel centralizador do professor, perda da identidade tanto do aluno como do professor, a negação da crise;

Os sujeitos que defendem a EaD preocupam-se com o andamento do curso, o processo de aprendizagem e os atrasos inevitáveis caso alguma medida não seja tomada.

Não obstante a existência EaD desde a criação das vídeo-aulas, revolucionada pelo célere avanço tecnológico que colocou em cena a internet, as mídias digitais, bem como a mobilidade no seu uso via *smarthphones*, *notebooks* e *tablets* a partir do *wi-fi* e dados móveis, esta é uma modalidade pouco conhecida por alunos e professores que fazem uso do ensino presencial. Pela falta de conhecimento acerca do uso destas tecnologias, alunos e professores resistem em utilizá-la. A formação de professores para saber operar com tais tecnologias também é outro ponto nevrálgico do problema, uma vez que há pouco investimento nessa prática imprescindível para que, mesmo em modalidades de ensino presenciais, o professor não se distancie do estudante que, a depender da idade, é nativo digital e transita muito bem por elas.

No âmbito dos processos conflitivos, a figura do mediador se torna importante na criação de condições para a resolução dos problemas e para a apropriação de ações, soluções e conhecimentos. Na sensibilidade de escutarmos a opinião dos estudantes sobre a questão do ensino à distância, percebemos a figura desse mediador através das manifestações que aludem para uma mediação entre as dificuldades com a EaD via plataformas digitais e a possibilidade de outras alternativas.

A postura sensível de acolhimento às dificuldades dos alunos e de ressignificação do trabalho a distância, que vá além do ensino remoto temporal que reproduz o modelo presencial transmissional, é um importante ponto de reflexão didática.

CONCLUSÃO

Muito embora, em termos quantitativos, verifique-se a favorabilidade em relação ao trabalho com a educação *online*, há que se ler nas entrelinhas aspectos que precisam ser incorporados em nossas visões e ressignificados em nossas práticas. O problema da pandemia não atinge apenas a saúde corporal, mas também a psique das pessoas que podem ter crises decorrentes de preocupações diversas (sobrevivência, desemprego etc.). Temos que estar atentos a esta questão e sabermos trabalhar com sensibilidade e flexibilidade para acolher os estudantes. Além disso, ante os problemas aludidos referentes à mediação didática dos docentes, uso de metodologias pouco condizentes com a Educação *online* e acento numa perspectiva pouco interativa, e dificuldades tecnológicas de alguns docentes, sugere-se um trabalho de ressignificação didática. Assumimos a defesa do ensino híbrido e, na sua impossibilidade imediata no contexto pandêmico, a Educação *online* com uso variado de interfaces digitais síncronas e assíncronas. Assumimos que, independente do contexto da educação, se presencial ou *online*, o mais importante é a mediação didática do professor. A ele cabe a escolha de uma concepção pedagógica que favoreça o pensar criativo, autônomo e desenvolvimento do senso crítico. Consideramos que um grande problema didático-pedagógico na EaD é conseguir a adesão dos estudantes. Para isso, sugerimos, no período do distanciamento, uma perspectiva lúdica e sensível de ensino. Para além das aulas em vídeoconferências, que os professores ousem mais, experimentem as metodologias ativas. Pensar num desenho didático que parta da problematização do conhecimento, visando uma maior autonomia intelectual do aluno.

Acreditamos que uma mudança no processo ensino e aprendizagem, levando em conta as plataformas digitais, somente poderá ocorrer se alterarmos nossas práxis. Para tanto, é preciso ter ousadia de duvidar das crenças, dos valores, das naturalizações cristalizadas, acompanhadas de atitudes de desconstrução e de construção, pois o momento político/social clama por processos de reorganização mesmo que ainda provisórios.

4. REFERÊNCIAS

JODELET, Denise. Lês représentations socialista. In: Pedra, José Alberto. **Currículo, conhecimento e suas representações**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. Educação Online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. **Actas do X Congresso Internacional Galego – Português de Psicopedagogia**. Braga. Universidade do Minho, 2009. Disponível em: <<http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/xcongreso/pdfs/t1>>. Acesso em: 11 de maio de 2020.

SILVA, Marco Antônio da. Educação a distância (EaD) e educação online (EOL) nas reuniões do GT 16 da Anped (2000 – 2010). **Revista Teias**, [S.l.], v. 13, n.30, p. 24 pgs., dez.2012. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24273>>. Acesso em: 11 de maio de 2020.